

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 28 DE DEZEMBRO.

O paiz não succumbe, o paiz vive; a sua esperança recresce, a sua fé augmenta.

Um reino de tres milhões e meio de habitantes não esmorece com a perda de mil e quinhentos dos seus bravos. O saque de Torres Vedras dá-nos gallardia, a violação de mulheres e donzellas excita o nosso pundonor. Não combatemos só pela liberdade, combatemos pela honra e fazenda, por tudo quanto temos de mais caro sobre a terra.

Conhecemos a fundo os planos dos despotas—querem dominar pela força. Para isso carecem d'um grande exercito, d'um grande orçamento, d'uma grande carga de contribuições.

Mas esse exercito dividido será esmagado pelo povo, e unido terá de seu a terra que pisar. Cinco ou seis mil homens não podem conquistar o paiz.

As intelligencias, a propriedade, as massas, tudo é nosso. Os despotas teem por seu o thesouro, os arsenaes, a corrupção. — Ainda teem por seu mais alguma cousa — teem o apoio da Hespanha, por cujos portos e raia sustentam e municiam alguns absolutistas.

Desaffrontai as terras do reino de toda a sombra de força, e ahi vereis rebentar a aclamação espontanea da nossa causa.

O paiz é todo liberal, e por isso aborrece a causa do ministerio.

Não nos assusta um revez. Quem sabe? Deos escreve direito por linhas tortas.

Ora, sus, gente forte!

Os valentes de Torres Vedras fizeram o seu dever, levaram a assolação e a morte ás falanges do despotismo. Agora faça cada um de nós o seu.

Até aqui podia qualquer ser mero espectador da contenda. Contava a causa ganha sem sangue, esperava que o despotismo não nos ousasse disputar o passo; mas agora que o ousou é preciso esmagalo. Apanhou as nossas forças divididas; que em quanto ellas estiveram reunidas, nunca fez senão fugir diante dellas.

As desgraças e os revezes podem reparar-se, os crimes é que se não reparam.

É mister vingiar a honra de nossos irmãos,

de nossas mulheres, de nossas filhas; é mister castigar esse ultraje inaudito; é mister alçar o sagrado pendão da liberdade e firma-lo para sempre nesta formosa terra portugueza.

Temos homens, temos coragem, temos fé, temos justiça. Faltam-nos algumas armas? Não carecemos dellas. A invasão passa, e passada ella bastam os nossos braços.

Temos ainda um exercito armado, temos excellentes cidades, immensas povoações, milhares de individuos.

Sobra-nos gente — temo-la engeitado. Temos recusado o seu offerecimento porque não carecemos della. Carecemos hoje. A tactica mudou, deve mudar o nosso proceder.

É preciso cõrrer todos ás armas. Gloria ou risco para todos. Não devem morrer só os nossos irmãos. Se cada um cumprir hoje o seu dever não morrerá um só.

Ahi está o Porto sim, diante de cujos muros estremeceram 80 mil bravos soldados portuguezes. Estremeceram e não eram fracos; mas os raios da liberdade contra a qual combatiam cegavam-nos.

Assim será hoje. A causa é a mesma, e os inimigos são menos.

Torres Vedras ficará memoravel. Quem não inveja a sorte dos que alli combateram?

Bravura igual ninguem a vio ainda! Nem um soldado apresentado! Todos foram uns heroes, e poder-se-ha dizer com ufania — «Estive na « batalha de Torres Vedras. » Será um titulo de recommendação o ser pai, filho, ou irmão dos que lá pereceram!

Nada de indifferença hoje. É preciso que cada um pague o que deve á patria. Os infelizes não se censuram, nem caluniam, soccorrem-se.

Os despotas espalham calumnias para nos denunirem, não os acrediteis. A infelicidade respeitase, a dedicação louvase.

Os censores que se habilitem primeiro para formarem os seus juisos; — que vão ganhar batalhas, ou pelo menos pelejar; — que mostrem as cicatrizes.

Nem uma palavra, que não seja de louvor, contra os vencidos!

A causa é nossa, e o triumpho está seguro.



O conde das Antas com a sua divisão retirou-se para Coimbra, abandonando Santarém. As forças do conde de Mello ficam no Alentejo para proteger os povos da provincia contra a oscillação das forças ministeriaes.

A derrota da divisão do conde do Bomfim não desalentou o exercito popular, enfureceu-o.

A maior parte dos soldados prisioneiros em Torres Vedras fugiram do caminho para o conde das Antas.

O saque de Torres e a desfloração das donzellas tem causado indignação geral. Os casos de heroismo foram muitos da parte do exercito constitucional.

O ministerio conta com a deserção das nossas forças.—Não conta bem. Assim contava antes da acção de Torres Vedres, e viu o que aconteceu.

O partido liberal não desanima. Em 1832 perdemos a batalha de Ponte Ferreira e Souto Redondo, e por fim triunfámos. O grosso do nosso exercito ainda se não bateu. O *invicto* do Chão da Feira, de Ruivães, e do Belfast, o heroe de Villa Franca ainda não viu a face do general em chefe do exercito popular.



Continua a correr a noticia da derrota completa do Abreu do Casal. Não a garantimos porque o homem é mais forte em fugir que em atacar.



Todos viram o que o *Diario* escreveu sobre o *Morning-Chronicle* de 27 de Novembro, que tem a mania de não acreditar na folha official, nem no duque de Saldanha, nem nos seus agentes; mas esta mania não é exclusiva daquelle periodico inglez, estende-se aos outros do mesmo e dos diversos paizes.

A nossa causa encontra sympathias em toda a parte, e a tenebrosa de 6 de Outubro não passa de uma revolução de palacio até no jornal de Luiz Philippe, por mais que o *Diario do Governo* queira estender a prerogativa real.

Mas que diz o *Morning-Chronicle*? Diz o seguinte:

«Este paiz (Portugal) foi governado durante os ultimos seis annos por homens cujo fim era o seu engrandecimento pessoal e o dos seus partidarios. Fizeram-se fortunas collossaes em vergonhosas especulações sobre o credito publico. Formaram-se companhias da agiotagem cuja propriedade consistia nos seus prospectos. Este paiz tem todos os elementos de prosperidade menos um—um bom governo!»

No artigo de fundo a folha ingleza ainda é mais explicita sobre as nossas cousas. Eis-aqui alguns trechos:

«Seja qual for a posição, exacta das operações militares em Portugal, o que é certo é que o movimento capitaneado pelo conde das Antas é o que tem as sympathias do paiz.

«Sempre assim o esperámos, e prognosticamo-lo desde o principio. O modo porque as operações financeiras de Portugal eram conduzidas em beneficio de uma sucia de agiotas, fez nascer em nós a convicção de que tal governo provocava uma crise. Daqui resultou o movimento popular do Minho. Nunca houve povo que fizesse uso mais moderado do seu triunfo. Na verdade deve se lamentar (e agora julgamos depois dos factos) que não se empregasse maior energia, e que os chefes do povo se contentassem com garantias verbaes quando deviam ter exigido as practicas. Receberam como moeda corrente uma promessa aqui e uma concessão meramente nominal alli. A côrte nunca cumpriu a sua palavra. A primeira violação conduziu á segunda, e a segunda á terceira n'uma serie fatal, até que alentada por successos apparentes e pela ominosa tranquillidade do paiz, n'uma hora má a rainha de Portugal foi instigada a arcar com a revolução, e a fazer da pessoa do seu ministro o objecto de uma scena theatral.

«O que admira é que o governo se tenha sustentado por uma semana, e de certo não lhe seria isso possivel sem a concorrência de alguns destes accidentes que sempre apparecem nos movimentos militares mais bem combinados. Tal foi a adhesão do barão do Casal á camarilha.

«O resultado mais favoravel para a rainha seria que o conde das Antas marchasse para Lisboa sem ter algum encontro serio com as forças do Saldanha. Seria então possivel uma mudança de ministros, e a exigência de amplas garantias para o futuro talvez podesse ainda satisfazer o povo. Ha comtudo pouca probabilidade disso, e nós não quizeramos ser os primeiros a prognosticar o que deve acontecer na supposição contraria.»

Ora eis-ahi ficam as expressões amargas mas verdadeiras que fizeram irritar o *Diario* a ponto de cahir na simpleza de dizer que as folhas estrangeiras deviam sómente acreditar o que dizem os agentes da camarilha constituidos em auctoridade.



A contra-revolução de 6 de Outubro — esse facto inclassificavel na historia das nações, em que o chefe supremo do estado preferiu o titulo de cabeça d'um partido á gloria de empunhar o sceptro d'uma nação; em que se viu uma cabeça corôada descer do esplendor do seu throno a vir conspurcar-se no lodo das praças—esse facto inclassificavel, diziamos, foi recebido com um brado de reprovação unanime em toda a

parte onde chegou a noticia delle. A imprensa estrangeira de todas as côres, na Inglaterra, jornaes quotidianos e hebdomadarios, na França desde o doutrinario *Debates* até ao satirico *Charivari*, mêsmos nos paizes de governo absoluto, a *Gazeta de Turim*, por exemplo, em toda a parte se tem sido concorde em stigmatizar uma cilada, em que os primeiros salteadores sahiram do pé do throno, o paço foi o pandemonio, as trevas da noute a occasião da emboscada.

Na determinação em que estamos de informarmos nossos leitores do modo porque a nossa presente situação é avaliada lá fóra, far-lhes-hemos conhecer mui resumidamente as considerações com que alguns dos mais acreditados jornaes francezes acompanharam a noticia da contra-revolução portugueza de 6 de Outubro. E escolhemos os francezes por serem daquella nação de cuja sympathia os nossos adversarios blasonam; porque da ingleza despeitosa e impoliticamente manifestam elles as tendencias hostis ao pensamento e marcha do seu egoistico e desaperado movimento.

Em primeiro logar o nome que os jornaes francezes dão unisonos á contra-revolução de 6 de Outubro é característico, elle só basta, diz mais do que muitas columnas para fazer vêr a conta em que o facto era tido, e como geralmente era avaliado; chamam-lhe *guet-apens* nocturno, palavra que não tem correspondente em portuguez, mas que designa uma traição premeditada feita de sobresalto, como quem fez uma espera atrás d'uma esquina, como quem accommette d'improviso alguém desapercebido a quem tem com esse fim enganado. O vocabulo é forte; mas a applicação é exacta.

La Semaine de 25 d'Outubro diz assim:

«A imprensa franceza, façamos-lhe essa justiça, é unanime em stigmatizar essa politica de salteadores (forbans), cuja suprema rasão foi a traição auxiliada pela violencia.»

O *Jornal dos Debates* chama-lhe contra-revolução, e acrescenta:

«É impossivel dar-lhe outro nome, porque o primeiro acto do novo ministerio foi pronunciar a suspensão da liberdade individual e da liberdade da imprensa. Foi pois um golpe d'estado em toda a extensão da palavra.

«O *Nacional* duvidou a principio em acreditar os acontecimentos de Lisboa, fundado principalmente em que o Saldanha, quando recentemente atravessára Pariz em direcção a Portugal «a natureza das visitas que alli fizera, as suas conversas sobre os ultimos successos do seu paiz, não faziam esperar de modo nenhum que elle podesse vir a ser o instrumento d'uma contra-revolução em Portugal.»

A *Reforma* sente «que o povo portuguez passasse no meio da sua marcha revolucionaria. Elle fez alto ás portas do palacio da rainha, confiou a sua victoria, entregou a s suas forças e a sua cau-

sa a conselheiros que procuraram equilibrar as prerogativas; e deixou que Gonçales Brabo, o mais despresivel dos corretores de Christina, fosse atando publicamente os fios de uma conspiração cabralista. Desde então podia-se prever que a revolução do Minho seria esmagada.

O *Courrier Français* denuncia como primeiro auctor da contra-revolução essa camarilha de que o rei Fernando é chefe, de que o Cabral tinha sido instrumento, e cuja alma é o preceptor Dietz. Este homem não pensa e não faz nada senão pelos conselhos do rei Leopoldo da Belgica, um insensato que não podendo governar bem o seu reino, ha muito tempo que se lhe metteu na cabeça governar Portugal.»

O *Siècle* assenta «que o gabinete inglez fará todas as diligencias para tornar a pôr Palmella no ministerio.» Acha que aquelle gabinete pôde e convem-lhe «fomentar a alliança dos liberaes portuguezes com os progressistas hespanhoes.»

A *França* (jornal legitimista) assevera que «a opinião publica em Portugal é manifestamente opposta a esse partido que se alcunha de moderado e que ella tinha subjugado antes da revolta de Costa Cabral. . . Que podem esperar os reaccionarios portuguezes desse golpe d'estado? A reacção não só não foi opportuna, mas até a selvageria com que foi executada revela a mais completa impericia.»

Por ultimo a *Illustração* usa de uma linguaagem tão violenta contando os acontecimentos de Portugal, que fére acrememente todos os forjadores do *guet-apens* de 6 d'Outubro.

D'então para cá os jornaes francezes todos se occupam em questões d'alto interesse para o seu paiz; o casamento do duque de Montpensier, as innundações das provincias do meio-dia, os rumores da queda do ministerio Guizot, a occupação de Cracovia; não teem todavia desamparado a nossa questão, consagrando-lhe expressamente extensos artigos, todos no sentido das poucas phrases que d'alguns deixamos citadas; e podemos asseverar que de todos os jornaes não ha um só, excepto a defunta época, que não condemne a origem do governo de Lisboa e todos os seus actos.



O *Diario* de hontem atirou-se ao manifesto da junta do Porto, e pô-lo em estilhas. Parece um cão com um grande osso, que nem o pôde roer nem engolir. Nós agradecemos a publicação.

Os commentarios da folha official são admiraveis. Não queremos privar os nossos leitores d'algumas passagens mais interessantes delles.

A primeira maravilha é que a soberania nacional reside na rainha, e d'ahi conclue o *Diario* que o rei pôde suspender ou destruir a carta.

A segunda maravilha é que a heroica resis-

tencia do Porto é fonte de corrupta immoralidade — e de desnaturada infamia.

Já se viu uma pequice d'estas? Que significa a immoralidade corrupta, a infamia desnaturada? Que entendeis por isto, escriptor sendeiro?

No Porto corrompeu-se a immoralidade; na côrte corrompeu-se a honra, a moralidade, a virtude! No Porto desnaturou-se a infamia; na côrte naturalisou-se!!!

O dedo de Souza Azevedo revela-se no artigo. Lança-se como um homem á emigração que trouxe a rainha para o throno, e diz que ella trouxera á patria o brandão da discordia!

N'isto o *Diario* não é só absolutista é um mi-guelista chapado.

A junta do Porto disse no seu manifesto que a facção cercára o paço e obrigára a rainha a demittir a administração. O *Diario* escreve o seguinte:

«A demissão foi em 6 d'Outubro; e em 9 «rebentou a rebellião no Porto. Logo não foi a «coacção da rainha a causa da rebellião.»

Já viste um argumento desta laia? O telegrafo em poucas horas communica uma noticia d'aqui para o Porto. Um expresso leva-a em dous dias; o *Diario* entende que o consequente não pôde de modo algum ser effeito do antecedente!

Ahi vai outro período excellente do *Diario*:

«Suspenderam-se todas as garantias constitu-cionaes sem pretexto ou motivo justificado» (disse a junta), Primeiramente ahi estão os ultimos numeros do *Patriota* e da *Revolução de Setembro*, para dizerem se houve ou não motivo. Em segundo logar dado que o não houves-

se, — que nos fica isso agora fóra de proposi-to, — o decreto da suspensão é de 7 de Outu-bro, e a rebellião rompeu no Porto a 9: — lo-go tambem não foi este o motivo da rebellião.»

E vós cre-lo-eis, vindouros?

Que é o que disseram jámais o *Patriota* e *Re-volução* que justificasse a suspensão das garan-tias? Podem acaso dous periodicos justificar esse acto, ou dispensam elles os factos publicos e notorios?

«Mas dado que não houvesse motivo para a «suspensão era o mesmo» (diz ainda o cinico *Diario*!!)

Pois é o mesmo suspender as garantias com motivo ou sem elle?

Despotismo tão grosseiro pôde tê-lo havido; mais estúpido não. A um despotismo destes con-vinha-lhe o ser silencioso. Um escriptor que lança blasfemias para o papel tão bestialmente devéra ser recolhido a S. José.

«O decreto da suspensão é de 7 e a rebel-lião rompeu a 9» (confessa o *Diario*). Ahi está o crime da côrte. A carta authorisa a suspensão de garantias no caso de rebellião, e o ministério reconhece que as suspendêra antes de se dar esse caso! Por consequente a insurreição foi moti-vada.

O governo andou avisado quando resolveu que o *Diario* não trouxesse artigo. Poupava-sea esta vergonha, e não assoalhava elle mesmo o seu horroroso crime.

Todos os mais argumentos são deste jiez, e não os mencionamos porque nos falta espaço para a polemica.